



**Instituto Latino-Americano de Tecnologia,
Infraestrutura e Território - ILATIT**

GEOGRAFIA, GRAU LICENCIATURA

**A MÍDIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA:
Uma Análise Sobre as Concepções de Fronteira**

ALEXANDRE ROCHA CARVALHO

Foz do Iguaçu
2022



Instituto Latino-Americano de Tecnologia,
Infraestrutura e Território - ILATIT

GEOGRAFIA, GRAU LICENCIATURA

**A MÍDIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA:
Uma Análise Sobre as Concepções Fronteira**

ALEXANDRE ROCHA CARVALHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Geografia.

Orientador: Professor Drº Marcelo Augusto Rocha

Foz do Iguaçu
2022

ALEXANDRE ROCHA CARVALHO

**A MÍDIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA:
Uma Análise Sobre as Concepções de Fronteira**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr° Marcelo Augusto Rocha
UNILA

Prof. Dra° Julia Cristina Granetto Moreira
UNILA

Prof. Dra° Léia Aparecida Veiga
Programa de Pós-Graduação em Geografia - UEL

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): _____

Curso: _____

Tipo de Documento	
<input checked="" type="checkbox"/> graduação	<input type="checkbox"/> artigo
<input type="checkbox"/> especialização	<input checked="" type="checkbox"/> trabalho de conclusão de curso
<input type="checkbox"/> mestrado	<input type="checkbox"/> monografia
<input type="checkbox"/> doutorado	<input type="checkbox"/> dissertação
	<input type="checkbox"/> tese
	<input type="checkbox"/> CD/DVD – obras audiovisuais
	<input type="checkbox"/> _____

Título do trabalho acadêmico: _____

Nome do orientador(a): _____

Data da Defesa: 18/03/2022.

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho aos meus pais Antônio José e Nauplia Ferreira e as minhas irmãs Keila e Patrícia.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar agradeço as políticas públicas que me permitiram acessar (apesar de todas as dificuldades) o ensino superior público, gratuito e de qualidade.

Agradeço a minha mãe Nauplia Ferreira que sempre esteve ao meu lado, apoiando-me e encorajando-me em toda e qualquer jornada que inicio. Seus ensinamentos valeram mais do que toda e qualquer formação que eu recebi e que possa vir a receber. Agradeço ao meu pai, Antônio José que me ensinou o valor do trabalho e do esforço. A vocês, dedico todas minhas conquistas e triunfos.

Agradeço a minhas irmãs, Patrícia por estar ao meu lado em todos os momentos e a Keila, por seus conselhos sempre extremamente racionais e que de uma forma ou de outra me instigavam e me faziam continuar caminhando.

Agradeço aos camaradas que a vida acadêmica me proporcionou, William (Lilão), Simão (Bolivar), Monizi, Giovana, Barbara e Anna Paula. Ainda sobre os irmãos que a UNILA me deu, agradeço em especial à Nathan (Carioca), Matheus (Dandinha) e Lucas (Gordão) que além das aulas compartilharam comigo, casa e momentos que jamais irei esquecer.

Agradeço em especial a Romina, uma das pessoas mais incríveis que a vida colocou em meu caminho, a você devo tanta coisa que não consigo mensurar em apenas um parágrafo.

Agradeço aos meus camaradas da quebrada Luiz, Vinícius (Manga), Alves, Rovany, Jhonny e Gabriel (Obama), vocês são 10, sem palavras.

Agradeço também aos meus professores, e em especial ao meu orientador Marcelo Augusto Rocha, por me dar diversas oportunidades, confiar e acreditar no meu trabalho.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente participaram dessa minha jornada!

. Nascer, crescer, viver e morrer. É, o tempo passa e a gente nem vê. Ontem o pivetinho fazendo travessura. Sem cansar, corria descalço pela rua. A gente só pensava em comer doce e zoar. São os momentos bons que a vida nos dá

Nossa goma era humilde igual a família. Três cômodos mal-acabados de alvenaria. Em minha mente ficou eternizada as lembranças. Meus pais curtiam o trio esperança! Na vitrola rolava muito som Black Tim Maia, Cassiano, entre outros flashback

O calux progrediu ô, de uns tempos pra cá. Hoje tem saneamento, praça pra brincar. No nosso tempo lazer era os campinhos de terra, soltar pipa, carrinho de rolimã e pega-pega

Faz mó cara, mas sinto mó saudade porque hoje a pivetada é rodeada de maldade. Progresso trouxe guerra e muita ambição. Vários trutas de infância viraram ladrão. Ainda bem que tamo vivo pra poder contar, porque os tempos bons é sempre bom de lembrar

Relembrar é viver, esquecer é morrer...

(MILE DIAS – 509-E)

CARVALHO. Alexandre Rocha. **A MÍDIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA:** Uma Análise Sobre as Concepções de Fronteira. 2022. P 51. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia – Grau Licenciatura) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMO

O cerne deste trabalho fundamenta-se sobre a necessidade de se pensar o ensino de Geografia como campo multiescalar, dotado de espaços e tempos próprios. O viés Geopolítico dos mecanismos de comunicação de massa apresenta-se hoje como grandes manipuladores e formadores de opinião, neste sentido tais informações carecem de uma análise crítica e que atribua em sua leitura um entendimento pleno sobre *“quem notícia, para quem se informa e qual o intuito por trás da informação difundida”*. Neste sentido, a informação como mecanismo geopolítico passa ser ponto crucial de análise, mas seus receptores e geradores de criticidade também se tornam importantes. Desta forma, pretendemos estabelecer um panorama geral sobre como o ensino de Geografia se coloca frente a interpretação da mídia, buscando estabelecer e analisar as condições curriculares previamente postas (PCN's 1998 e BNCC 2018) bem como as concepções utilizadas no plano cotidiano escolar. Para tal pretendemos tomar o conceito de *“Fronteira”* como objeto de análise, estabelecendo um paralelo e identificando as lacunas existentes entre a *“A Fronteira que se ensina”*, a *“A Fronteira que se notícia”* e a *“Fronteira que se vive”*. Para realização de tal pesquisa adotou-se um procedimento metodológico crítico-dialético, cuja linearidade é estabelecida por i) análise e revisão bibliográfica, ii) construção de base de dados e iii) categorização e discussão dos resultados obtidos.

Palavras-chave: Geopolítica; Mídia; Documentos de Educação; Currículo; Fronteira.

CARVALHO. Alexandre Rocha. **A MÍDIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA:** Uma Análise Sobre as Concepções de Fronteira. 2022. P. 51. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia – Grau Licenciatura) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

ABSTRACT

This work is based on the need to think about the teaching of Geography as a multi-scale field, with its own spaces and times. The Geopolitical perspective of mass communication mechanisms presents itself currently as great manipulators and opinion formers, in this sense, such information need a critical analysis and that attributes in its reading a full understanding of “who news, who is informed and what the purpose behind the information. In this sense, information as a geopolitical mechanism becomes a crucial point of analysis, but its receptors and criticality generators also become important. In this way, our purpose is to establish an overview of how the teaching of Geography face the interpretation of the media, seeking to establish and analyze the curricular references (PCN's 1998 and BNCC 2018) as well as the concepts used in the school's daily life. To this end, we intend to take the concept of "Border" as an object of analysis, establishing a parallel and identifying the gaps between *"The Border that is taught"*, *"The Border that is news"* and *"The Border that is lived"*. To carry out this research, a critical-dialectical methodological procedure was adopted, whose linearity is established by i) analysis and literature review, ii) construction of a database and iii) categorization and discussion of the results obtained.

Keywords: Geopolitics; Media; Education References; Curriculum; Border

CARVALHO. Alexandre Rocha. **A MÍDIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA:** Uma Análise Sobre as Concepções de Fronteira. 2022. P. 51. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia – Grau Licenciatura) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMEN

El eje de este trabajo se fundamenta en la necesidad de pensar la enseñanza de Geografía como campo multiescalar, dotado de espacios y tiempos propios. El viés Geopolítico de los mecanismos de comunicación de masa los presenta hoy como grandes manipuladores y formadores de opinión, en este sentido tales informaciones carecen de una análisis crítica que atribuya a su lectura un entendimiento pleno sobre *“quien noticia, para quién se informa y cual es la intención por detrás de la información difundida”* En este sentido, la información como mecanismo geopolítico se torna un punto de análisis crucial, de la misma forma que sus receptores y generadores de criticidad también se vuelven importantes. De esta forma, pretendemos establecer un panorama general sobre cómo la enseñanza de geografía se establece frente a la interpretación de la grande media, buscando establecer y analizar las condiciones curriculares previamente determinadas (PCN's 1998 e BNCC 2018) de la misma forma que las concepciones utilizadas en el plano cotidiano escolar. Para eso, pretendemos tomar el concepto de *“Frontera” como objeto de análisis*, estableciendo un paralelismo e identificando las lagunas existentes entre *“La Frontera que se enseña”, la “Frontera que se noticia”* y la *“Frontera que se vive”*. Para llevar a cabo esta investigación se adoptó un procedimiento metodológico crítico-dialéctico, cuya linealidad se establece mediante i) análisis y revisión de literatura, ii) construcción de una base de datos y iii) categorización y discusión de los resultados obtenidos.

Palabras clave: Geopolítica; Grande Media; Documentos de Educación; Currículo; Frontera

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – <i>Grupos que possuem apenas um veículo de comunicação</i>	23
Quadro 2 – <i>Grupos com mais de um veículo de comunicação</i>	25
Quadro 3 – <i>Quadro de Resumos (PCNs)</i>	31
Quadro 4 – <i>“Análise de Mídia” – Manchetes com tema fronteira</i>	38
Quadro 5 – <i>Concepção de Fronteira sob a ótica dos moradores de Fronteira em 2022</i>	41

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – <i>Interesse em pesquisa "Fronteira Brasil - Paraguai - de 28 de fevereiro de 2020 à 5 de dezembro de 2021</i>	36
---	-----------

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – <i>Interesse por sub-região nos últimos 12 meses</i>	37
Mapa 2 – <i>Interesse por pesquisa 'Fronteira Brasil Paraguai' nos municípios sul-matogrossense nos últimos 12 meses</i>	38
Mapa 3 – <i>Interesse por pesquisa 'Fronteira Brasil Paraguai' nos municípios paranaenses nos últimos 12 meses</i>	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
OSC	Organização da Sociedade Civil
RSF	Repórteres Sem Fronteiras

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 - A MÍDIA E SEU CARÁTER GEOPOLÍTICO	20
2.1 – Uma Primeira Aproximação	20
2.2 – A Concentração Midiática no Brasil: A Informação Como Ator e Como Ferramenta de Manipulação	22
3 – O QUE TRAZEM OS DOCUMENTOS CURRÍCULARES SOBRE A MÍDIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA?	27
3.1 – As Ideias Contempladas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs 1998)	28
3.2 – O Que Diz a Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2018).....	31
4 - MÍDIA E FRONTEIRA: PROCESSOS E DESCONTINUIDADES	35
4.1 – A Fronteira que se Noticia	35
4.2 – A Fronteira que se Vive	40
4.3 – A Fronteira que se Ensina	43
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Pensar comunicação, de modo geral, vai além da oralidade em si. Comunicar/informar, apresenta-se como um mecanismo de troca que, em tese, necessitaria ser dotada de uma perspectiva que, de fato, apresente-se como dialética, entendendo o contexto ao qual a informação foi produzida, (por quem, por que é para que, quais atores foram deixados de lado e quais centralidades foram exaltadas), fazendo com que o receptor analise e absorva tal conteúdo de maneira nítida e concisa. Desta forma, a produção de conteúdo/informação exprime em sua essência, um par entre, o “gerador” e o “receptor”. Mas, na prática, identificamos logo de início, as dissonâncias e as lacunas existentes neste segmento, conforme Heimerdinger e Schlosser, as “manipulações postas pela mídia contribuem para que fiquem submersas ou ocultas as desigualdades sociais e segregações socioespaciais” (2017, p. 46). Neste sentido o discurso midiático acaba por estabelecer um contexto onde as pessoas desconheçam ou não compreendam o que de fato se sucede no plano real.

Isto posto e pautado neste primeiro fragmento que podemos entender e dar início as discussões que aqui pretendemos estabelecer. Vemos de modo geral que o atual panorama das grandes mídias e meios de divulgação de informação, caminham em sentido contrário (e a passos largos) ao que de fato a notícia deve proporcionar¹, sendo elas, neste sentido, dotadas de intencionalidades e discursos próprios, que exprimem em seu cerne as hegemonias e interesses presentes no discurso proposto, defendendo vieses e perspectivas próprias ou coletivas, que podem ser elas focadas no campo político, cultural, econômico, educacional etc.

Por conseguinte, cremos que a partir deste quadro urge a necessidade de se buscar entender quais devem ser os posicionamentos, perspectivas e atuações do ensino de Geografia frente a análise e interpretação dos discursos midiáticos que permeiam nosso dia a dia, seja por canais de televisão, jornais impressos e virtuais, rádios entre outros. Entendendo tanto o campo da comunicação/informação quanto o escolar (frisando esse último como como locus do ensino de Geografia) “como espaços públicos, de instâncias de socialização e aprendizado social”. (BARROS FILHO, 1999, p. 26)

Para tal pretendemos estabelecer este trabalho de conclusão de curso, em sua linearidade, a divisão em três segmentos específicos, mas que buscam dialogar e

¹ Uma concepção dialética entre gerador e receptor.

estabelecer paralelos entre si. O primeiro segmento que foi explanado nas próximas laudas, fundamentou-se sobre uma análise introdutória acerca dos discursos e concepções Geopolíticas da mídia, compreendendo este último nos espaços e tempos aos quais são produzidos, identificando a necessidade de um “letramento midiático” (FIMON, 2013) e de uma plena concepção dos conteúdos que nos são apresentados e nos inundam de maneira inerente no cotidiano.

Dando seguimento, pretendeu-se no segundo tópico deste documento, verificar e analisar de maneira crítica o que dizem os currículos sobre o uso e a interpretação midiática dentro do contexto escolar, e mais especificamente sobre o ensino de Geografia. Toma-se aqui os documentos de educação, tais quais os PCN's (1998) e a BNCC (2018) como objetos de análise, uma vez que estes se colocam como mecanismos norteadores do ensino da ciência geográfica. Entendo estes também como segmentos políticos, que logo também são dotados de intencionalidades (GIROTTTO, 2017).

Por fim, no último segmento, almejou-se tornar os discursos estabelecidos nos dois tópicos anteriores um tanto quanto mais concretos. Tomando o conceito de “Fronteira” como objeto de estudo, e fragmentando-o sobre três distintas concepções: **I)** A fronteira que se notícia, agregando nossa fundamentação sobre o caráter geopolítico da mídia; **II)** A Fronteira que se vive, estabelecendo este como um contraponto ao que se publica em relação ao que se tem/vive no cotidiano e por fim; **III)** A Fronteira que se ensina, buscando entender como o tema é tratado dentro das concepções geográficas de ensino, entendendo este como um mecanismo que auxiliaria na percepção e interpretação crítica do item i.

Para construção desta pesquisa buscamos adotar uma metodologia que se pauta em três etapas específicas, sendo elas **a)** Revisão da bibliografia inicialmente proposta; **b)** Coleta e tratamento de dados obtidos a partir de análise de mídias digitais (canais de comunicação) e dos documentos de educação e **c)** Categorização, tratamento e discussão dos resultados obtidos. (MOREIRA, et al, 2021).

Por fim faz-se necessário ressaltar que a pesquisa que aqui será apresentada buscou de maneira geral estabelecer discussões ainda iniciais, por se tratar de uma temática não tão usual dentro, tanto dos estudos Geográficos voltados a “ciência dura” quanto aos que se referem à temáticas educacionais, ressaltamos a necessidade de uma certa delicadeza em relação ao estudo do tema, sendo assim buscou-se se debruçar sobre o estabelecimento de pontos chave, para que assim se possa, em produções futuras, contribuir mais para o desenvolvimento deste seguimento de estudo.

Postas as premissas centrais da pesquisa que aqui desenvolveu-se, pedimos ao leitor, um espaço para salientar as perspectivas tanto pessoais, quanto acadêmicas que geraram em mim, enquanto autor, acadêmico de Geografia e (ex) morador de fronteira a necessidade de se trabalhar tal temática. Ao decidir sair da capital paulista aos meus 17 anos e ir para Foz do Iguaçu cursar Geografia na UNILA as falas que ouvi, majoritariamente não foram de apoio, pelo contrário, me trouxeram ainda mais insegurança por remeterem a região fronteira como um território pautado pela violência e pelo medo. No entanto tanto já em meus primeiros contatos com a cidade quanto em toda minha trajetória de cinco anos como morador de fronteira, a questão da violência e da insegurança atribuída a este espaço não se fazia presente em meu dia a dia, e isto de certa maneira me trazia inquietação.

Este sentimento de que o consciente coletivo não condizia com a realidade de fronteira se tornou ainda maior quando passei a estagiar/trabalhar na cidade e aumentar meu leque de espaços de sociabilidade, pois foi quando observei que realmente, o que era difundido pela grande mídia e até mesmo pelos canais de comunicações locais de nada diziam respeito a realidade cotidiana fronteira, e me surgiram as lacunas e interrogações sobre como romper com tal consciente.

Vislumbrei ao longo de minha trajetória acadêmica e dos estudos relacionados as composições curriculares uma saída ou melhor dizendo, um caminho para romper com a lógica sensacionalista que permeia o plano imagético de fronteira, e grosso modo foram estes pontos, que quase que de maneira natural me levaram a trabalhar tal temática.

2 - A MÍDIA E SEU CARÁTER GEOPOLÍTICO

“A Educação Popular é um processo coletivo da elaboração, tradução e socialização do conhecimento que capacita educadores e educandos a ler criticamente a realidade para transformá-la. A apropriação crítica dos fenômenos e de suas raízes permite o entendimento dos momentos e do processo da luta de classes, ajudando a quebrar toda forma de alienação, e a buscar a descoberta do real e sua superação”

(Ranulfo Peloso ‘Org.’ – Trabalho de Base, p. 35, 2012)

De modo geral não podemos descartar o fato de que hoje, para além das estruturas geopolíticas já postas, a informação bem como a mídia (que neste contexto apresenta-se como foco de nosso estudo) são dotadas de intencionalidades e de posicionamentos, e que de maneira geral correspondem a lógicas de poder e de hegemonias políticas e econômicas.

Neste sentido urge a necessidade de se pensar de que maneira a informação e redes de mídia se colocam frente as múltiplas relações sociais, quais seus papéis e quais determinantes nos processos sociopolíticos, de formação de opinião e de criação de conscientes coletivos. É sob estes primeiros enfoques que se pretende trabalhar este primeiro capítulo.

2.1 – UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO

As divulgações, discursos e posturas midiáticas presentes em contexto global são hoje, para além de mecanismos de informação e comunicação, ferramentas capazes de manipular e direcionar toda uma rede, estabelecendo diretrizes e deixando camuflados e/ou evidentes em suas entrelinhas, seus interesses políticos e econômicos. A Globalização permitiu para além do “encurtamento das distâncias” (SANTOS, 2006; 2012; 2013), uma maior fluidez territorial. Nesse sentido, alterando as relações sociais bem como seus atores hegemônicos. Neste contexto, o papel das mídias é sublinhado e ganha ênfase, de modo que, toda e qualquer informação passa a ser dotada de intencionalidades, atribuindo-se como mecanismo “cada vez mais presente em nosso cotidiano, tornando-se um verdadeiro instrumento de manipulação social e dominação cultural” (TONET; MELO; 2014 p. 02).

Neste sentido as ordens do discurso presentes nas premissas midiáticas por si

só, se atribuem como operadores Geopolíticos, suas capacidades de formação de opinião, de alcances de massa e de uniformização do pensamento criam dinâmicas capazes de manipular toda uma rede, decidir o que é central, quem está “certo” e “errado”, quem é “terrorista” e quem é vítima (LADEIRA; LEÃO, 2018). Conforme apontam Heimerdinger e Schollosser:

Os discursos que chegam às pessoas podem estar manipulados segundo os interesses de seus produtores que têm o poder da desenvoltura do texto. Esta manipulação tratada no decorrer do texto é uma espécie de formatação de ideias e sua estética. As Mídias dissipam discursos que são produzidos minuciosamente, onde primeiramente se define o que se busca induzir nos receptores e na sequência as palavras são escolhidas para construir um texto. (HEIMERDINGER; SCHLOSSER, 2017, p.46).

Neste sentido, não só o discurso em sua essência, mas a maneira como ele é redigido ou divulgado acaba por dificultar a interpretação por parte das massas populares. Sobre tal perspectiva as autoras complementam que:

Esse discurso em texto oral ou escrito possui estética no sentido do uso de palavras “bonitas” pelo autor, que podem ser desconhecidas pelas pessoas, dificultando o entendimento do objetivo do discurso. Portanto, é próprio da manipulação o manejo de “informações” e ideias, consequentemente aquele que comumente não desenvolve a Análise do Discurso pode ser influenciado pelos discursos. (HEIMERDINGER; SCHLOSSER, 2017, p.46).

Dando continuidade, vemos outro fator interessante, antes as expressões de “ordens Geopolíticas” se limitavam à questões estreitas e enraizadas sob uma ótica de Estado-Nação, atribuindo-se sob seguimentos e fatores que se limitavam aos campos econômicos, políticos, demográficos e geográficos em relação a um cenário político global (LADEIRA; LEÃO, 2018), atribuindo como atores centrais apenas os contidos dentro das relações estatais.

A fim de fundamentar esta nossa última fala podemos recorrer a Claude Raffestin, que em sua publicação “*Por uma Geografia do Poder*” (1993) resgata e dialoga com autores clássicos da Geografia Política, tal qual Ratzel (1872), que traz no cerne de suas publicações uma concepção Geopolítica tradicional, onde a relação primordial debruçava-se sobre a relação solo-Estado, ou seja, as questões de territorialidade em um sentido de totalidade, de hegemonia nacional frente as relações políticas internacionais.

Isto posto, vemos que o cenário Geopolítico, de modo geral, bem como suas concepções epistemológicas são alteradas, novos atores e fatores são agora também

determinantes e, esta, já não se limita apenas a relações de Estado. Como podemos observar, de maneira mais enfática nos últimos anos, o fator informação bem como as mídias e seus veículos de produção e divulgação apresentam-se como atores fundamentais nas decisões, sejam elas direcionadas as questões políticas de Estado em si, mas também em segmentos de mercado por exemplo. Como salienta Heimerdinger e Schlosser (2017) ao tratar das questões mercadológicas da mídia, enxergam que “não ocorre só o consumo de mercadorias concretas, mas ideologias e/ou “informações”. (2017, p. 52).

Feitas as primeiras aproximações acerca das relações mais centrais entre mídia e geopolítica, faz-se necessário agora estabelecermos um quadro geral sobre como estas relações se estabelecem no contexto nacional brasileiro. São nítidas as influências que os veículos de comunicação têm sobre as decisões políticas e econômicas nacionais, prova disso é o próprio processo eleitoral de 2017 que elegeu Jair Bolsonaro como presidente da república. Os processos de campanha, do então candidato, fundamentaram-se de maneira enfática através de métodos de divulgação de informação² em massa (duvidosa e quase nunca verídica), através de mídias sociais, principalmente³ (SOUZA, 2019). É sobre este contexto que se busca trabalhar, no tópico a seguir as estruturas e relações midiáticas estabelecidas em território brasileiro.

2.2 – A CONCENTRAÇÃO MUDIÁTICA NO BRASIL: A INFORMAÇÃO COMO ATOR E COMO FERRAMENTA DE MANIPULAÇÃO

Dando continuidade a partir da última fala posta no tópico anterior que se busca dar continuidade à próxima discussão. Neste sentido e utilizando o fato supracitado como elemento de alusão a nossa fala e a partir da análise de Heimerdinger e Schlosser (2017) (*apud CHARAUDEAU, 2009*) constatamos que o discurso midiático se apresenta da seguinte maneira:

Um deles é o Discurso Propagandista que seduz ou persuadís seu alvo. O outro é o Discurso “Informativo” que deseja repassar saber/conhecimento. Diante disto, não é todo discurso “informativo” que imprime saber, podendo ser ambíguo, dual e/ou confuso, permitindo a interpretação contrária ou diferente da situação concreta. (2017, p 50).

² <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/papel-das-redes-sociais-na-eleicao-de-bolsonaro-e-tema-de-debate-nos-eua.shtml>

³ <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/sem-categoria/midia-ajudou-a-criar-bolsonaro-e-o-bolsonarismo-mas-diz-nao-ter-nada-a-ver-com-isso/>

Isto posto e mantendo a linearidade, podemos identificar que, em nosso contexto, a mídia e a informação que é propagada por ela, apresenta-se como fator ambíguo, onde ao mesmo tempo é posto como ator, capaz de formar e direcionar pensamentos e opiniões e como ferramenta geopolítica, utilizada de maneira concisa e direcionada para um objetivo em específico, com intuito primeiro de alienar e encaminhar linhas de atuação e posicionamento. (LADEIRA; LEÃO, 2018, p. 36-46).

No entanto retornando agora em nossas primeiras falas postas neste documento, cremos que é importante, ao tratar do assunto, direcionar nosso discurso. Até o momento tratamos a mídia como algo único, desprovido de identificação, tal necessidade de identificar nosso discurso se dá pelo fato de ser importantíssimo reconhecer, ao trabalhar este contexto, para quem, para que e por quê se divulga uma informação. Todavia ao adentrarmos nesta discussão, encontramos um outro grande problema fundamentalmente geopolítico dos discursos informativos, a questão da concentração dos canais de comunicação.

Estudos realizados pelo Monitoramento da Propriedade da Mídia (Media Ownership Monitor – MOM)⁴ em 2017, financiada pelo governo da Alemanha e realizada em parceria com a OSC brasileira Interozes e a RSF (Repórteres Sem Fronteiras) revelou que cinco famílias concentram o poder de metade dos maiores meios de comunicação (e de maior audiência) do Brasil⁵, tal dado nos revela que para além da concentração empresarial, a mídia brasileira em seus segmentos majoritários são controladas sob uma perspectiva familiar revelando mais uma vez seu forte viés geopolítico.

Os dados a seguir nos auxiliam na visualização desta concentração:

Quadro 1- Grupos que possuem apenas um veículo de comunicação

VEICULOS OU REDES ANALISADOS POR GRUPO, 2017 (Media Ownership Monitor – MOM) – Grupos Com Apenas Um Veículo							
Impresso		Televisão		Rádio		Internet	
Grupo	Mídia	Grupo	Mídia	Grupo	Mídia	Grupo	Mídia
Editora Três	ISTOÉ	EBC	TV BRASIL	Conglomerado Alpha	TransAmérica	BBC World Service	BBC BRASIL

⁴ <http://brazil.mom-rsf.org/br/midia/>

⁵ <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cinco-familias-controlam-50-dos-principais-veiculos-de-midia-do-pais-indica-relatorio/>

Organização Jaime Câmara	DAQUI	Grupo Amicare / Marcelo de Carvalho	REDETV	Grupo Jovem Pan	Jovem Pan	Consultoria Empiricus/ Diogo Mainard/ Mário Sabino	O Antagonista
		Grupo Silvio Santos	SBT	Grupo Objetivo	Rádio MIX	Grupo Ongoing – Ejesa	IG
		Igreja Renascer em Cristo	REDE GOSPEL	Igreja Adventista do Sétimo Dia	Novo Tempo	Revista Fórum	Revista Fórum
				Igreja Universal	Rede Aleluia		

Fonte: MOM (2017) – Elaboração Própria (2022)

A partir deste primeiro quadro pode-se estabelecer, a priori, um interessante panorama sobre a questão da concentração das mídias. Mesmo que este refira-se a grupos que possuem apenas um veículo, enxergamos que seus seguimentos são ramificados e apresentam-se sob mais de uma plataforma, mais o que de fato isso indicaria?

Ao nos debruçarmos sobre esta questão vemos que a mesma informação pode ser adaptada ao padrão de público que consome tal segmento, seja ele, escrito, de televisão, de rádio ou vinculado as mídias digitais (internet), e neste sentido, a maneira de se expor a informação, por mais que esteja vinculada à um mesmo viés político e de interesses em geral, apresenta-se de maneira diversificada, onde sua única divergência encontra-se na lógica adaptativa da linguagem consumida em cada uma das plataformas. Neste sentido cria-se a falsa sensação de que tais informações são de fato apresentadas sobre distintas perspectivas.

Dando continuidade e focando no segundo quadro (apresentado abaixo) e que nos traz dados sobre os grupos de mídias que possuem mais de um veículo de comunicação, podemos ver que a questão da concentração midiática, em contexto nacional brasileiro tramita por pontos ainda mais delicados. Verifica-se que a concentração familiar é fator marcante, e que neste sentido, tais grupos estão inerentemente vinculados à lógicas e interesses individuais, que corroboram com as perspectivas hegemônicas.

Outro ponto importante e que faz necessário ressaltar é a perspectiva religiosa presente nestes segmentos de mídia. Neste sentido a lógica de distribuição de informação no Brasil, a partir das grandes mídias fundamenta-se sob uma lógica praticamente

“coronelista” pois trazem em suas perspectivas centrais fatores determinantes aos seus posicionamentos, tais quais a concentração familiar, o viés político e a influência religiosa.

Quadro 2 - Grupos que possuem mais de um veículo de comunicação

VEICULOS OU REDES ANALISADOS POR GRUPO, 2017 (Media Ownership Monitor – MOM) – Grupos Com Mais de Um Veículo										
	Grupo Globo	Grupo Bandeirantes	Grupo RBS	Grupo Record	Grupo Folha	Grupo Abril	Grupos Diários Associados	Grupo OESP (Estado)	Grupo SADA	Igreja Católica
Impresso	O GLOBO		ZH	Correio do Povo	Folha de SP	VEJA	Estado de Minas	O Estado de São Paulo	Super	
	VALOR		Diário Gaúcho		Agora		Correio Brasiliense		OTEMPO	
	EXTRA ÉPOCA									
Televisão	GLOBO	BAND		RECORD TV						REDE VIDA
	GLOBO NEWS	BAND NEWS		RECORD NEWS						
Rádio	Rádio Globo	bandfm	Rede Gaúcha							RCR
	CBN	Rádio Bandeirantes								
		BAND NEWS								
Internet	Globo.com		Clic RBS	R7	UOL			Estadão		

Fonte: MOM (2017) – Elaboração Própria (2022)

Tais dados nos dão a dimensão da concentração de poder neste seguimento, os maiores canais de comunicação tal qual a rede Globo, por exemplo, tem veículos distintos que estão dispostos nos quatro segmentos de divulgação, tanto na televisão, quanto em rádios, periódicos impressos e na internet, e por mais que seus distintos veículos apresentem formas variadas (escritas e imagéticas) para divulgação de seu conteúdo informativo. Suas centralidades permanecem as mesmas, uma vez que todas correspondem à um mesmo segmento empresarial. Neste sentido como podemos de fato ter acesso a informações que rompam esta lógica, como podemos interpretar, ou melhor, criar mecanismos coletivos que propiciem uma leitura e análise crítica dos conteúdos que nos são apresentados?

Autores que trabalham tal segmento, seja a partir de uma perspectiva geográfica ou não, vislumbram e apontam algumas ações sociais/coletivas e educacionais que ajudariam no sentido da interpretação e leitura crítica destes conteúdos. Heimerdinger

e Schlosser salientam a necessidade de se estabelecer uma verdadeira “Análise do Discurso”, esta, capaz de orientar e suprir as necessidades de interpretação crítica dos segmentos informativos, colocando o ensino de Geografia como um dos pilares para construção e desenvolvimento deste processo. Conforme nos mostram as autoras:

A Geografia pode (deve) se apropriar dos discursos veiculados pelas Mídias, embora necessite utilizá-los de modo crítico, ressaltando simultaneamente a Análise do Discurso, meio sugerido para compreender as diferenças e desigualdades (des)construídas no espaço geográfico. Na Geografia objetiva-se fazer uma leitura do espaço, ou seja, refletir sobre o que as Mídias veiculam do espaço. (HEIMERDINGER; SCHLOSSER, 2017, p.54).

Já Milinkovic Fimon (2013, p. 17) por sua vez, reconhece que “somos dependentes da mídia de massa para saber o que está acontecendo nos cenários físico, social, econômico e político” e neste sentido estamos quase sempre inundados por informações que dizem respeito a estes campos, acrescentando que “quando a internet se torna um fato da vida, o pensamento crítico que ajuda os jovens a navegar pelas mídias tradicionais é ainda mais importante” (idem, 2013, p. 18). Desta maneira Fimon sugere e evidencia a necessidade de uma “educação midiática”, que em sua centralidade objetivaria entender:

[... A quem a mensagem se destina? Quem quer atingir essa audiência, e por quê? De qual perspectiva essa história está sendo contada? Que vozes estão sendo ouvidas e quais estão ausentes? Que estratégias essa mensagem usa para captar minha atenção e me fazer sentir incluído? Em nosso mundo multifacetado, comercializado, globalizado e interativo, a educação midiática não significa ter todas as respostas, e sim saber fazer as perguntas certas ...] (FIMON, 2013, p. 18).

Tal processo, para o autor, não partiria de um campo isolado, mas de uma construção escolar, dotada de sociabilidades e de construções coletivas. As perspectivas diversas aqui postas nos dão um bom panorama de como devemos agir e interpretar as relações oriundas das lógicas geopolíticas da mídia, tendo em todas elas, como processo central, a questão didática educativa.

3 – O QUE TRAZEM OS DOCUMENTOS CURRÍCULARES SOBRE A MÍDIA E O ENSINO DE GEOGRAFIA?

Realizadas as aproximações propostas no tópico anterior desta pesquisa, focadas no estabelecimento de um paralelo entre geopolítica e mídia, devemos e pretendemos agora, dar continuidade em nossa construção e trajetória de pensamento a partir do entendimento ou pelo menos, de uma familiarização entre os aparatos midiáticos e o ensino da ciência geográfica. Para tal, pretendemos recorrer a dois documentos específicos, sendo o primeiro deles os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e a BNCC – Base Nacional Comum Curricular (2015) focalizando nosso olhar crítico para os tópicos que se referem aos anos que compõe o segundo estágio do Ensino Fundamental Regular, focando-nos sobretudo acerca das perspectivas, parâmetros, habilidades e competências que norteiam a composição curricular que rege e orienta o ensino de Geografia no Brasil.

Para além disso e, antes de mais nada, buscamos deixar claro que entendemos tais documentos não apenas como meras orientações curriculares desprovidas de consciência e abordados como simples instrumentos que buscam racionalizar o processo educativo, em seu sentido de planejamento e organização (GOODSON, 2008), vemos tais documentos como ferramentas políticas, dotadas de intencionalidades e discursos e que, atualmente, correspondem a dinâmicas imperialistas, voltadas ao capitalismo internacional de cunho neoliberal e tecnicista, que busca reduzir a participação dos professores e professoras em seu processo de construção e que corresponde a interesses econômicos que deslegitimam e ferem o trabalho docente (GIROTTTO, 2017).

[... Trata-se, dessa forma, de entender também a dimensão de silenciamento que a forma de construção e implementação dos PCNs ajudou a difundir, sedimentando identidades curriculares específicas em detrimento de tantas outras possíveis e já realizadas cotidianamente. (GIROTTTO, 2017, p 428).

Para além disto, vemos estes documentos de orientação curricular como objeto de disputa e neste sentido alvo de interesses de setores multifacetados, sejam eles progressistas ou não. De modo geral a composição de ambos os documentos, mesmo que redigidos em tempos, e sob composições espaciais distintas, apresentam o mesmo fundamento reducionista e simplista, que busca estabelecer o currículo bem como o ensino de Geografia como um componente uniforme, universalizando seus segmentos e silenciando suas especificidades. É frente a este contexto que buscamos entender como

tanto os PCNs (1998) quanto a atual BNCC (2015) se comporta e dá subsídios para que os discentes lidem com as questões midiáticas, bem como seus impactos multiescalares.

Mesmo frente a estas problemáticas relacionadas ao processo de construção e de imposição (no sentido da aplicação) dos documentos de educação/currículos nacionais, não nos ausentamos da necessidade e da importância da existência deste tipo de material, uma vez de que, há sim, a necessidade de se formalizar os aparelhos e segmentos que regem o processo de ensinância e aprendizagem⁶ (ASSMANN, 1996; 2007), no entanto, salientamos que sobretudo a construção destes, devem partir de pressupostos colaborativos, que unam e entendam tais documentos como campo indissociáveis dos contextos sociais aos quais estão inseridos. (SAVIANI, 1989; 2016) (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007)

3.1 – AS IDEIAS CONTEMPLADAS NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNS 1998)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, produzidos no final da década de 1990 de maneira geral, apresentaram em sua composição reflexos de uma estrutura e perspectiva política de Estado. Estes, incluem-se como parte de uma série de reformas estruturais do ensino que permearam a educação brasileira ao longo dos anos de 1990. Tais mudanças estruturais são reflexo do início de uma lógica neoliberal e mercantil que se introduziu no contexto nacional no decorrer dos anos supracitados. Seus princípios partiram principalmente do Plano Diretor da Reforma do Estado de 1995, encabeçado por Fernando Henrique Cardoso, que previam a privatização de diversos setores e serviços públicos, incluindo a educação (GIROTTTO, 2017; 2018).

Tal processo foi extremamente criticado pela massa acadêmica atuante no referido período, porém, antes mesmo disso, autores como Ruy Moreira em sua obra “*O Discurso do Averso: Para a Crítica da Geografia que se Ensina*” (1987) já identificavam as lacunas e dicotomias existentes no processo de formalização do ensino de Geografia, enxergando o início destas lógicas liberais como reflexo direto de uma perspectiva constituída por órgãos internacionais⁷.

Conforme nos aponta Eduardo Giroto (2017):

⁶ Utilizamos aqui os termos “ensinância e aprendizagem” no intuito de estabelecer ao processo educacional um sentido dialético e horizontal, entendendo-o como algo processual e cíclico.

⁷ Banco Mundial, por exemplo.

É esta uma das principais críticas feitas aos documentos pela comunidade acadêmica da Geografia: sua articulação com um conjunto de políticas mais ampla para educação e o Estado Brasileiro, construídas por órgãos internacionais (em especial, o Banco Mundial) na década de 1990. Tais políticas fazem parte de um amplo processo de ajuste neoliberal posto em prática em toda América Latina (com exceção de Cuba), a partir de acordos firmados em 1989 e que ficaram conhecidos como “Consenso de Washington”. Por estas medidas, O Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, representantes do capital transnacional, difundiram uma lógica de reforma neoliberal do Estado na América Latina, com profundo caráter recessivo e que resultou, entre outras coisas no aumento da taxa de desemprego, da ampliação da desigualdade social e de cortes profundos nos investimentos em saúde, educação e cultura. (GIROTTTO, 2017, p 427).

Ainda sobre o contexto e mais especificamente sobre os PCNs o autor complementa que:

[... Está clara a defesa da necessidade de entendermos a elaboração dos PCNS a partir de sua articulação com um projeto social mais amplo, que tem na reprodução da lógica do capital como principal objetivo. Neste sentido, os fundamentos do documento encontram em sua razão de ser nesta perspectiva de, pela educação, constituir um consenso em torno deste projeto social, difundindo os valores, princípios e crenças que os sustentam. (GIROTTTO, 2017, p. 427).

Por conseguinte, e a partir deste panorama que podemos estabelecer nossos apontamentos acerca dos posicionamentos deste documento (PCNs 1998) em consonância a presença, uso e interpretação da Mídia frente ao Ensino de Geografia escolar. Ao analisar o documento que estabelece os parâmetros do Ensino de Geografia nos anos que correspondem ao segundo ciclo do ensino fundamental (do 5º ao 8º ano), vemos que a palavra “Mídia” é mencionada vinte vezes ao longo do documento composto por 156 páginas.

Em todos os trechos mencionados, a “Mídia” é referida como mecanismo de alusão, capaz de auxiliar os aprendentes na construção imagética de outros espaços alheios ao de suas vidas cotidianas, e é sobre esta perspectiva que encontramos as primeiras problemáticas em relação a difusão de informação, sem análise crítica dela. Neste sentido, os campos midiáticos atribuídos como mecanismo elucidativo, acabam por produzir e reproduzir estereótipos políticos, culturais e regionais. (LADEIRA; LEÃO, 2018).

Conforme vemos neste primeiro fragmento de texto:

[... Para realmente trabalhar e valorizar o imaginário do aluno, não se pode encarcerá-lo à idéia de que seu espaço esteja limitado apenas

à sua paisagem imediata. Pela mídia, o aluno acaba incorporando ao seu cotidiano paisagens e vivências de outras localidades. No ensino fundamental, é essencial que se aprofundem as mediações de seu lugar com o mundo, percebendo como o local e o global interagem. (BRASIL, 1998, p. 31).

Neste sentido, vemos que tal documento reforça a necessidade de se apresentar os conteúdos Midiáticos como ferramentas elucidativas e complementares ao “espaço não vivido”, desta maneira, a questão da criticidade deve se fazer presente, também como parte dos parâmetros propostos pelo documento, porém, vemos que tal segmento é apresentado pelo documento de maneira vaga e descontínua:

[... Assim, pode-se compreender por que o espaço, a paisagem, o território e o lugar estão associados à força da imagem, tão explorada pela mídia. Pela imagem, muitas vezes a mídia utiliza-se da paisagem para inculcar um modelo de mundo. Sendo a Geografia uma ciência que procura explicar e compreender o mundo por meio de uma leitura crítica a partir da paisagem, ela poderá oferecer grande contribuição para decodificar as imagens manipuladoras que a mídia constrói na consciência das pessoas, seja em relação aos valores socioculturais ou a padrões de comportamentos políticos nacionais. (BRASIL, 1998, p. 29).

Contudo, não vemos as lacunas deixadas pelo documento em relação à necessidade de análise crítica da informação dissipada pela mídia como algo proveniente de um desleixo ou relapso dos personagens que construíram tal proposta, mas sim entendemos o referido contexto e suas problemáticas como parte do projeto de Estado, que visa a alienação e a falta de confronto em sentido dialético como ferramentas importantes à planificação das lógicas neoliberais.

Por fim, vemos também que, o contexto aqui enfatizado, ganha espaço dentro do quadro de resumos dos PCN de Geografia, apenas dentro do eixo intitulado “*O campo e a cidade como formações socioespaciais*” (BRASIL, 1998). Neste sentido, no *quadro 3*, devemos, ao analisar tais documentos, ter viva a ideia de que estes são componentes dotados de intencionalidades políticas e econômicas, formados e formulados sobre a égide de uma lógica capitalista hegemônica e que não nos subsidia, enquanto docentes, para trabalhar com questões como estas.

Quadro 3- Quadro de Resumo

A cultura e o consumo: Uma nova interação entre o campo e a cidade	Os hábitos de consumo das pessoas do campo antes e após o surto de industrialização dos anos 50.
	A influência das formas de viver na cidade e no campo e a expansão dos meios de comunicação e dos transportes.
	A sociabilidade entre as pessoas e os grupos sociais migratórios do campo para a cidade.
	A mídia, o imaginário social e os movimentos migratórios do campo para a cidade.
	As relações de troca monetária do homem no campo e as possibilidades de sua inserção no mundo urbano.

Fonte: BRASIL, 1998 - **Elaboração:** Própria (2022)

A título de finalização argumentativa deste tópico é necessário enfatizar também que a omissão do estudo crítico das influências da mídia dentro dos documentos de educação não se apresentam a esmo ou de maneira arbitrária, pelo contrário, seu apagamento corresponde a uma lógica de “anulação” da construção do pensamento crítico escolar, fator que de maneira inerente afeta ou pelo menos movimenta as estruturas hegemônicas já postas e enraizadas.

3.2 – O QUE DIZ A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC 2018)

As modificações na Base Nacional Comum Curricular do Ensino Fundamental, a BNCC, proposta e divulgada pelo Ministério da Educação, iniciada em 2013 e tendo sua versão final homologada no segundo semestre de 2017, mais especificamente no mês de dezembro (publicada em 2018) trouxe consigo algumas discussões acerca das intencionalidades voltadas a projetos políticos e econômicos que permeiam a construção do documento. Tais bases causaram uma mobilização dos sujeitos atuantes na pesquisa em educação no Brasil, sendo a partir daí, construídos diversos artigos e pesquisas

científicas que buscavam destrinchar de maneira crítica, o conteúdo do documento em questão.

Isto posto e nos restringindo mais aos parâmetros da BNCC que correspondem especificamente ao ensino de Geografia (e mais especificamente ainda, as diretrizes e bases que correspondem aos anos finais do ensino fundamental II, 6º ao 9º ano). Focando-nos em um primeiro momento sobre as estruturas constitutivas do documento, observamos de maneira nítida as limitações e reducionismos presentes nas habilidades e conteúdos propostos, atribuindo ao currículo de maneira geral, um caráter simplista e despreocupado com a totalidade dos conteúdos bem como, com seus aspectos interdisciplinares e multiescalares, propondo um ensino de caráter generalizado e universalizante, que se preocupa mais com os mecanismos de avaliação internacional do que com a efetiva constituição de um currículo nacional. A disposição dos objetos e tópicos a serem tratados no campo da ciência geográfica são organizados de maneira a refletir nitidamente a despreocupação com a construção de um conhecimento segmentar, crítico e dialógico, dispondo os conteúdos a esmo sem uma configuração pedagógica efetiva. Conforme aponta Giroto (2017):

A redução do debate sobre a qualidade de educação aos resultados em avaliações nacionais e internacionais, aos elementos apenas quantitativos, reforça uma lógica de compreensão da educação que não leva em consideração a diversidade das práticas, contextos e sujeitos imersos neste processo. (GIROTO, 2017, p. 432).

Entretanto não podemos, ao analisar documentos como este, atribuir sua má construção à falta de conhecimento científico e pedagógico. Justamente ao contrário, este modelo de regimento da educação é estreitamente pensado, construído e posto em prática em consonância com as perspectivas político e econômicas que permeiam o contexto em que este é elaborado. Esta não é uma prática advinda da construção desta BNCC em 2017, no Brasil, a articulação dos projetos educacionais em paralelo a outros interesses administrativos faz-se presente há um bom tempo. Observemos a construção dos PCNS (1998) (GIROTO, 2017), ou os diversos modelos educacionais adotados pelo território nacional nos últimos 60 anos, à título de exemplo. Partindo deste pressuposto de análise destes documentos sob uma perspectiva dialética histórico-crítica (SAVIANI, 1989; 2016), vemos que a Base Nacional se apresenta como processo de continuação das políticas encabeçadas há mais de três décadas atrás.

Nos últimos anos observamos, de modo geral e em diversos âmbitos da América

Latina, a ascensão das políticas neoliberais. Com a educação não foi diferente, justamente por nesta estar atribuída um caráter extremamente estratégico, conforme nos mostra Eduardo Giroto (2017; 2018). O autor, ao tratar do assunto, coloca o desmonte da educação a partir de documentos oficiais, como peça central para desarticulação de um contexto social como um todo, pois, a precarização e a simplificação de processos educacionais andam em paralelo com questões como a precarização do trabalho, o aumento latente da diferenciação de classes, a ascensão de políticas liberais nos mais diversos âmbitos públicos etc.

Planificados nossos apontamentos centrais acerca da composição política e conteudista do referido currículo, partimos agora para a análise que mais nos interessa em nossa pesquisa: Como a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), voltada para o ensino fundamental II, traz um posicionamento frente as questões midiáticas, e como estas são dispostas dentro das habilidades e competências que regem o ensino de Geografia? A palavra “Mídia” é referida no documento em exatas 275 vezes, entretanto nenhuma delas dentro das habilidades e competências da ciência geográfica, relacionando majoritariamente o conceito à segmentos tais, o campo digital, voltado a cultura digital propriamente dita (BRASIL, 2018), mas sem uma contextualização que de fato apresente-se sob uma perspectiva crítica.

Tal dado, para além de deixar nítidas as intencionalidades políticas do currículo, nos faz pensar e enxergar as descontinuidades presentes entre os dois documentos aqui analisados (os PCNs e a BNCC). Se os Parâmetros Curriculares, já em 1998, mesmo que de maneira acrítica, já vislumbravam as influências da mídia sobre a construção do imaginário discente (principalmente nos anos iniciais do ensino regular), como a reformulação da Base Nacional, proposta e efetivada em 2018, onde as relações sociais, bem como a distribuição de informação tornaram-se parte da vida cotidiana (principalmente pelas mídias digitais), pode não se quer fazer menção à necessidade de se trabalhar sob uma ótica geográfica a análise e leitura de mídia?

Tal fator revela mais uma vez o caráter político e econômico que permeia a construção deste documento. A atual Base Nacional Comum Curricular, tornou-se inicialmente, a ferramenta primeira para o desmonte e deslegitimação do ensino público e de qualidade. Desta forma, duas potencialidades de alienação em detrimento dos atores hegemônicos do mundo submetido ao capitalismo transnacional apresentam-se como complementares, de um lado os aparelhos midiáticos promovem a distorção e manipulação de fatos, de outro a BNCC não subsidia e reduz o papel político e atuante dos professores

e professoras da rede básica.

4 - MÍDIA E FRONTEIRA: PROCESSOS E DESCONTINUIDADES

Ao tratarmos sobre como as lógicas e interpretações do campo midiático, em seu sentido amplo, se planifica como frente geopolítica e também como estas se apresentam dentro dos currículos e parâmetros que norteiam o ensino regular de Geografia, devemos agora estabelecer, a fim de tornar mais palpável e materializado o nosso discurso, frisar a partir de um estudo de caso, tais lógicas frente as três escalas que permeiam o cotidiano escolar e social como um todo, sendo elas a da notícia, presente em nosso dia a dia através dos múltiplos canais de informação, a da vivência em si e a do ensino (que aqui muito nos interessa).

Para tal, buscamos tomar o conceito de “Fronteira” como objeto de estudo, localizando-o nas três escalas supracitadas. No entanto, devemos inicialmente, direcionar nosso entendimento e concepção acerca do que é Fronteira, identificando-a também como uma construção política e que representa muito mais que apenas zonas limítrofes entre Estados-Nações. Não enxergamos estas localidades como “linhas” bem localizadas, mas sim como espaços dotados de particularidades e espacialidades diversas, capazes de planificar, unir e dividir ao mesmo tempo as relações sociais que ali se estabelecem. Rogério Haesbaert (2009) identifica tais espaços como campos dotados de uma identificação coletiva e que apresentam em sua essência a representação e as potencialidades políticas, capazes de identificar o “eu” e o “outro”.

Nesse sentido entendemos que os espaços fronteiriços, principalmente os latino-americanos apresentam uma especificidade em sua essência de ser, onde é capaz de, ao mesmo tempo, unir e separar. Haesbaert (2009; 2013) identifica que tais espaços são dotados de perspectivas e lógicas de “(des) controle e “(in) segurança” associando a estes a concepção de risco, de espaço em disputa, de perigo. Tais lógicas não surgem a esmo, mas sim a partir de uma política de Estado que se mantém sobre a perspectiva do medo e da insegurança. Deixando de lado, fatores como a integração e a multiculturalidade presente nestes contextos, criando a partir daí, uma perspectiva tanto política quanto midiática que não contempla a fronteira e seus atores.

4.1 – A FRONTEIRA QUE SE NOTICIA

A construção midiática dos espaços fronteiriços reproduz está lógica sensacionalista

que atribui a estes espaços a alcunha de zonas de conflito, de risco. Tal perspectiva representa o caráter manipulador e político das informações, produzindo e reproduzindo fatos que apresentam a verdade de maneira parcial ou distorcida. Anulando ou silenciando outras múltiplas potencialidades e relações sociais que se estabelecem nas zonas de fronteira.

A partir desta visão que buscamos estabelecer de maneira geral, uma análise midiática, buscando entender o que a mídia de forma geral, distribui de informação sobre os referidos espaços. Neste sentido utilizamos da ferramenta “*Google Trends*”⁸ a fim de entender mais sobre como tais espaços são representados e apresentados pela mídia. Buscamos nos dia 23 de fevereiro de 2022 às 10h03, pela relação de palavras “Fronteira Brasil-Paraguai” e acerca da quantidade de pesquisas, obtivemos o seguinte resultado:

Gráfico 1 - Interesse em pesquisa “Fronteira Brasil - Paraguai” - de 28 de fevereiro de 2020 à 5 de dezembro de 2021



Fonte: *Google Tends* (2022)

A partir deste primeiro gráfico é possível constatar que o interesse nas pesquisas sobre o tema Fronteira, apresenta um índice alto de buscadores. Desta forma é necessário

⁸ Google Trends é uma ferramenta do Google que mostra os mais populares termos buscados em um passado recente. A ferramenta apresenta gráficos com a frequência em que um termo particular é procurado em várias regiões do mundo, e em vários idiomas. (Fonte: Google Trends)

termos atenção sobre os conteúdos que são veiculados à esta região. Tal ferramenta também nos oferece informações sobre quais estados brasileiros mais pesquisaram sobre o assunto, sobre essa informação a ferramenta utilizada nos apresenta os seguintes indicativos:

Mapa 1 - "Interesse por sub-região nos últimos 12 meses" -



Fonte: Google Tends (2022)

A partir destas informações podemos observar, primeiramente a partir do primeiro gráfico que existe um interesse considerável sobre informações que contemplem a região fronteiriça entre Brasil e Paraguai, e a partir do mapa apresentado acima vemos que, em especial, tal temática torna-se ainda mais buscada por moradores de regiões fronteiriças, os estados que mais se interessam em pesquisar o assunto são respectivamente Mato Grosso do Sul e Paraná, estes estados que fazem fronteira com o território paraguaio. Tal dado nos revela algo interessante e em certa medida já previsível, a fronteira bem como as informações que à elas são vinculadas são de interesse majoritário do público que nela se concentra, uma vez que a notícia sobre o local, sobre o plano cotidiano é sempre mais pertinente ao público que faz parte dela, direta ou indiretamente. Já em relação os municípios que mais buscam o assunto (focando-nos nestes dois estados) temos os seguintes dados:

Mapa 2 - "Interesse por pesquisa 'Fronteira Brasil Paraguai' nos municípios sul-mato-grossense nos últimos 12 meses"



Fonte: Google Tends (2022)

Mapa 3 - "Interesse por pesquisa 'Fronteira Brasil Paraguai' nos municípios paranaenses nos últimos 12 meses"



Fonte: Google Tends (2022)

Desta maneira podemos enfatizar que, de fato, os dados apresentados estão em consonância à nossa fala, na qual, tantos os estados, quantos as regiões que mais buscam por informações sobre a fronteira, são as regiões que estão atribuídas a ela. Neste sentido devemos buscar analisar agora, quais manchetes são veiculadas a esta região. Para coleta de tais informações, realizamos uma busca simples, digitando em guias de pesquisa como o “Google” palavras-chave, tal qual “Fronteira” e “Fronteira Brasil Paraguai”. Sendo assim obtivemos o seguinte resultado:

Quadro 4 – “Análise de Mídia” – Manchetes com tema fronteira (de 27 de janeiro de 2022 à 04 de março de 2022)

Análise de Mídia – Manchetes sobre “Fronteira”

Título da Matéria	Data	Link
<i>“Dois homens são executados na fronteira Brasil/Paraguai em menos de 3 horas”</i>	23/02/22	https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2022/02/23/dois-homens-sao-executados-na-fronteira-brasilparaguai-em-menos-de-3-horas.ghtml
<i>“Corpo carbonizada é encontrado dentro de carro queimado na fronteira entre Paraguai e Brasil”</i>	20/02/22	https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2022/02/20/corpo-carbonizada-e-encontrado-dentro-de-carro-queimado-na-fronteira-entre-paraguai-e-brasil.ghtml
<i>“Homem é executado ao sair de loja na região de fronteira entre Brasil e Paraguai”</i>	29/01/22	https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2022/01/29/homem-e-executado-ao-sair-de-loja-na-regiao-de-fronteira-entre-brasil-e-paraguai.ghtml
<i>“Cidades da fronteira entre Brasil e Paraguai arrecadam enviam ajuda para moradores de Petrópolis”</i>	18/02/22	https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2022/02/18/cidades-da-fronteira-entre-brasil-e-paraguai-arrecadam-enviam-ajuda-para-moradores-de-petropolis.ghtml
<i>“Megaoperação: polícia do Paraguai apreende bens avaliados em meio bilhão de reais e cumpre 30 mandados”</i>	22/02/22	https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2022/02/22/megaoperacao-policia-do-paraguai-apreende-bens-avaliados-em-meio-bilhao-de-reais-e-cumpre-30-mandados.ghtml
<i>“Paraguaia morre após ser atropelada por ônibus em aduana brasileira na Ponte da Amizade”</i>	26/02/22	https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2022/02/26/paraguaia-morre-apos-ser-atropelada-por-onibus-em-aduana-brasileira-na-ponte-da-amizade.ghtml
<i>Homem é executado enquanto tomava tereré na fronteira</i>	27/01/22	https://www.diariodigital.com.br/policia-2/homem-e-executado-enquanto-tomava-tererere-na-fronteira/
<i>“Carro da PF é roubado de oficina na fronteira”</i>	04/03/22	https://midiamax.uol.com.br/policia/2022/carro-da-pf-e-roubado-de-oficina-na-fronteira-e-levado-para-o-paraguai
<i>“Homens invadem Receita Federal na fronteira com o Paraguai, trocam tiros com seguranças e um morre baleado”</i>	01/03/22	https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2022/03/01/homens-invadem-receita-federal-na-fronteira-com-o-paraguai-trocam-tiros-com-seguranças-e-um-morre-baleado.ghtml
<i>“Integração na fronteira Brasil-Paraguai”</i>	02/03/22	https://www.opresente.com.br/geral/integracao-na-fronteira-brasil-paraguai-por-elias-de-sousa-oliveira/
<i>“Integração na fronteira Brasil-Paraguai”</i>	01/03/22	https://cabezanews.com/integracao-na-fronteira-brasil-paraguai/

“Prejuízo com contrabando de cigarro chega a R\$ 10,2 bi em 2021”	03/03/22	https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/03/prejuizo-com-contrabando-de-cigarro-chega-a-r-102-bi-em-2021.shtml
---	----------	---

Fonte: Primária - Elaboração própria (2022)

A partir deste quadro temos uma dimensão tendenciosa sobre a Fronteira em si, das doze manchetes registradas e analisadas, apenas duas apresentam a fronteira como mecanismo e como possibilidade de integração regional, todas as outras dez matérias dão ênfase à questões voltadas ao crime, nitidamente de maneira sensacionalista. De certo não podemos nos isentar das questões relacionadas à violência em contexto fronteiriço, entretanto devemos nos questionar se tais informações representam de fato tal contexto como um todo ou se são apenas reflexos das desigualdades socioespaciais, presentes no Brasil como um todo e não apenas em regiões limítrofes. Conforme nos mostra Heimerdinger e Schlosser (2017):

Os meios de comunicação perseguem o espetáculo da notícia predominando a visão urbana da sociedade, que ressalta a violência, o crime, a droga, o consumismo, o adolescente agressor etc. (HEIMERDINGER; SCHLOSSER, 2017, p. 51).

Por conseguinte, podemos observar também que todas as notícias aqui apresentadas foram veiculadas pelo mesmo canal de comunicação, o portal G1 que pertence a Rede Globo, tal fato revela também o sentido centralizador das mídias, reforçado ainda nos primeiros tópicos deste documento. Por fim, devemos ressaltar que, de fato a informação e sua seletividade, bem como a forma como ela é apresentada tem papel preponderante e marcante na construção imagética e imaginária de uma região, de uma sociedade e de uma cultura.

4.2 – A FRONTEIRA QUE SE VIVE

Como contraponto a “Fronteira que se noticia”, temos a fronteira que se vive, voltada a planificação social das relações estabelecidas dentro do respectivo espaço e que representa, para além do que se é veiculado pela mídia, um espaço de trocas, marcado pelo multiculturalismo e pelos processos de integração. Os aspectos e informações apresentados no tópico anterior não representa a fronteira em toda sua totalidade e

complexidade, e nem mesmo está associada ao espaço em si, mas sim como reflexo das disparidades sociais e econômicas que sobre a égide do capitalismo perverso (SANTOS, 2012) que acabam por planificar-se no campo cotidiano.

Neste sentido, a fim de fundamentar tal perspectiva buscou-se entender a partir de seus próprios moradores, o que de fato a fronteira representa, no dia a dia propriamente dito. A priori, foi cogitada a possibilidade de se realizar entrevistas *in locus*, entrevistando pessoas alheias ao campo universitário, entretanto a pandemia de COVID-19 não permitiu tal ação e neste sentido foi necessária certa adaptação. Desta forma foi proposta a elaboração e divulgação de um formulário que em seu cerne pressupunha duas perguntas, a primeira referente ao entendimento do morador sobre o que é fronteira e a segunda referente ao modo como a fronteira enquanto espaço, apresentava-se em seu dia a dia. Tal ferramenta foi publicada nos grupos de *Facebook* e *Instagram* da comunidade acadêmica da UNILA, e o único pré-requisito para o preenchimento era que o entrevistado (a) fosse morador de fronteira. Ao final do prazo estabelecido apenas seis pessoas responderam o questionário.

Sobre tal pesquisa obtivemos o seguinte resultado:

Quadro 5 – Concepção de Fronteira sob a ótica dos moradores de Fronteira, 2022

Pesquisa sobre a concepção de Fronteira sob a ótica dos moradores de Fronteira (2022)		
	Pergunta 1	Pergunta 2
	O que você entende por "Fronteira"?	Como a "Fronteira" como espaço social apresenta-se em seu cotidiano?
	Respostas	
Entrevistado 1	O encontro de 2 ou mais países	Movimentada

Entrevistado 2	Um limite político artificial imposto para delimitar uma área de interesse, geograficamente falando. Ou um conjunto de parâmetros sociais que aglutinam pessoas que se identificam com tais parâmetros dentro de um grupo. Ou ainda um ponto de tensão, seja político ou cultural/social.	Nas relações interpessoais e políticas.
Entrevistado 3	Como espaço de conexão e de trocas	Acredito que se apresente como um ambiente multiplicador de culturas
Entrevistado 4	A linha imaginária que teoricamente divide dois países.	Vejo que a palavra é usada muitas vezes de forma equivocada. Por exemplo: A "fronteira" do Paraná com São Paulo, ou confundido com Aduana
Entrevistado 5	Espaço físico, político, social com uma dinâmica diferente: pode haver um abismo hostil entre dois macros espaços ou uma heterogeneidade prioritariamente política respeitada por ambas.	relativizada e estranha ao seu próprio conceito na política: o que vemos entre os cidadãos, é que não existe "fronteira" nenhuma.
Entrevistado 6	Um limite entre dois lugares	Com a troca cultural

Fonte: Primária - Elaboração própria (2022)

Tais resultados nos trazem perspectivas e observações que se apresentam como um contraponto à coleta realizada no tópico anterior⁹. Se observarmos atentamente, nossa amostragem de seis entrevistados define de maneira geral a fronteira (como conceito) como um espaço de limite, mas que em sua própria etimologia torna-se contraditório, pois é capaz de ao mesmo tempo unir e separar.

Dando continuidade e observando os resultados obtidos na segunda pergunta, verifica-se que cinco dos seis entrevistados vincularam a fronteira (em detrimento do seu plano cotidiano) como algo político, que representa movimento e multiplicações culturais. Entretanto vemos que em nenhuma das contestações concebem a fronteira (tanto em seu sentido conceitual, quanto em sua escala social) como um espaço cujo enfoque principal seja o crime e a violência. Tal dado não representa que estes indicativos não existam, apenas reafirmam que tal segmento não representa o espaço em sua totalidade, sendo

⁹ Ver tabela 3.

apenas um dos múltiplos conflitos e trocas que advém das práticas sociais.

Neste sentido verificamos que a fronteira em seu plano cotidiano, apresenta dinâmicas e vivências próprias que não correspondem em sua íntegra ao que se tem, de fato, no espaço fronteiriço, sendo assim a leitura crítica sobre o que de fato é este lugar e quais informações a ele são atribuídas, tanto para quem vive quanto para quem (que geograficamente está alheio a este espaço) procura se informar, deve ser feita, e neste sentido a Geografia bem como seu ensino apresenta-se como ferramenta de grande potencial.

4.3 – A FRONTEIRA QUE SE ENSINA

O ensino de Geografia de maneira geral apresenta-se no cotidiano escolar como componente desafiador e que requer constante atualização e formação continuada por parte do corpo docente, entendendo as dinâmicas tanto sociais quanto voltadas especificamente aos estudos geográficos como campos fluidos e passíveis de múltiplas atualizações e modificações. Conforme nos aponta Lana Cavalcanti (2010):

Se a tarefa do ensino é tornar os conteúdos veiculados objetos de conhecimento para o aluno e se a construção do conhecimento pressupõe curiosidade pelo saber, esse é um obstáculo que precisa efetivamente ser superado (CAVALCANTI, 2010, p. 03).

Neste último segmento do presente documento utilizamos o conceito de “Fronteira” como mecanismo e objeto de estudo, cujo objetivo central estava na tentativa de entender e analisar como a mídia busca estabelecer conscientes coletivos estereotipados sobre o referido conceito e quais os impactos, dissonâncias e dicotomias estes representam ao sentido cotidiano de fronteira.

Contudo devemos nos preocupar e focar também sob como tais lógicas são absorvidas e debatidas dentro do ensino de Geografia, entendendo este como processo essencialmente crítico e que inerentemente encontra-se sobre uma perspectiva de contestação. Desta forma entendemos, à luz de Tonet e Melo (2014):

[... O discurso midiático, é totalmente ideológico, e não pode ser entendido como mero discurso, pois vai além de pronunciamentos políticos, ‘é preciso saber ler as entrelinhas para identificar o que está implícito e explícito no discurso midiático. (TONET; MELO, 2014, p. 02).

Frente a isso, a escola e o ensino de Geografia, que também se apresentam como ferramentas de luta, resistência e política devem se posicionar e criar mecanismo que propiciem aos aprendentes uma leitura crítica sob o que se veicula e se divulga na mídia de massa, não apenas referindo-nos as questões de fronteira, mas sim, sob todas as informações que de maneira inerente apresentam impacto social em um sentido unicamente coletivo. Ainda sobre este contexto os autores complementam:

Diante disso, o papel da escola é posicionar-se ativamente ao fato de que o discurso midiático é de cunho ideológico, e tem sua intencionalidade atendendo sempre a interesses das classes sociais dominantes, o que para tanto cabe a ela ensinar aos alunos a decodificar os discursos veiculados pela mídia. (TONET; MELO, 2014, p. 02).

Sendo assim não devemos nos isolar destes componentes ideológicos e não os trabalhar em sala de aula, pelo contrário. Deve-se enquanto docente, consciente de seu enquadramento e papel político, atribuir-se destes discursos e utilizados como ferramenta metodológica/pedagógica de construção de um conhecimento/pensamento crítico coletivo, a fim de romper com as lógicas de manipulação e alienação proposta pela mídia global e nacional.

A mídia, enquanto recurso metodológico no ensino de Geografia permite desenvolver o pensamento crítico do aluno para os desafios do mundo moderno entre sociedade e estruturas políticas e econômicas. Na linguagem midiática, a força da imagem torna-se muito forte e o ensino de Geografia não pode sucumbir à lógica de das explicações unilaterais promovidas pela mídia. (TONET; MELO, 2014, p. 05).

Acreditamos no papel primordial do ensino de Geografia frente a estas problemáticas e descontinuidades, onde por mais que os documentos de educação não subsidiem a tal ação, os professores e professoras devem estar atentos, entendendo as perspectivas hegemônicas que buscam sucumbir o pensamento crítico dentro do sistema educacional. Sobre este ponto vislumbramos a formação continuada dos professores como guinada central para a geração de uma leitura midiática que de fato seja crítica e contestadora, o professor neste sentido que aqui trabalhamos, deve também ser pesquisador e se manter ativo frente aos processos e construção e reconstrução de sua atuação docente.

Por fim colocamos também como ponto central a necessidade de se estabelecer

de maneira coesa e consciente os materiais de apoio que iram subsidiar a atuação docente, principalmente os livros didáticos. Neste contexto tal material também se apresenta como ferramenta política, ora, uma vez que os currículos de maneira geral, não contemplam as necessidades do estudo crítico e do espaço escolar em si, faz-se necessária a presença de apoios teóricos e bibliográficos que subsidiem a atuação docente. Isto posto e a título de conclusão salientamos estes dois pontos¹⁰ como norteadores para a continuação do estudo das temáticas trabalhadas nesta pesquisa, seja por mim ou pelo leitor que pode também vir a se interessar pelo assunto.

¹⁰ A formação continuada dos professores e a importância dos livros didáticos.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Mídias em seu caráter geral apresentam-se hoje ao mesmo tempo como ferramenta e como ator geopolítico, capaz de induzir e alienar toda uma massa social sobre determinado assunto, formando opiniões e produzindo/reproduzindo estereótipos sobre campos culturais, religiosos, sociais e/ou econômicos. Podendo influenciar de maneira efetiva tanto questões políticas (públicas, governamentais) quanto assuntos relacionados ao capital privado.

No Brasil a concentração de poder dos veículos midiáticos (SOUZA, 2019) representa risco ainda maior para formação de conscientes coletivos, uma vez que estas apresentam-se de maneira multifacetada e que de forma perversa consegue manipular o contexto das informações em prol de seus interesses particulares e coletivos, em um sentido hegemônico.

Isto posto faz-se necessário que a população, consumidora direta de informação e conteúdo produzido por parte destes veículos, seja capaz de decifrar e analisar criticamente aquilo que lhe é apresentado, entendendo o contexto ao qual aquela informação foi coletada, por quais atores ela foi relatada e qual intuito por trás de sua divulgação, neste sentido a criação de um consciente de análise do discurso e de educação midiática, principalmente no tocante ao ensino de Geografia, apresenta emergência. (HEIMERDINGER; SCHLOSSER, 2017); (FIMON, 2013).

Para além disso devemos enquanto docentes atuantes, tanto na sala de aula quanto na pesquisa, estarmos atentos sobre o papel político dos documentos (aqui trabalhados) que norteiam e regem o ensino da ciência geográfica, o cunho político neoliberal destes documentos refletem diretamente na ausência e despreocupação com que os mesmo foram produzidos, reduzindo a participação dos professores e professoras em seu processo constitutivo por exemplo, e sobretudo ao deixar de lado temas tão emergentes quanto as mídias e seu papel alienador.

Por fim, e a título de conclusão deste documento ressaltamos a importância da pesquisa e dos movimentos que buscam sempre o aperfeiçoamento das perspectivas educacionais. O período pandêmico nos mostrou ainda mais as discontinuidades e falhas de nosso sistema de educação, mas em contrapartida nos mostrou ainda mais a importância deste seguimento para a sociedade como um todo.

Questionar torna-se agora um papel político fundamental para quem pretende seguir a carreira docente, devemos inicialmente estarmos atentos aos processos

hegemônicos que subjugam e reduzem nossa atuação enquanto professores e professoras, bem como as informações midiáticas que, de modo geral, tem por intuito nos alienar e nos atribuir como sujeitos não pensantes. No atual contexto em que vivemos, antes de mais nada, questionar é resistir.

A título de fechamento desta pesquisa, ressaltamos que seu caráter preliminar se deu justamente pelo fato de que o tema, de maneira geral ainda demonstra-se como algo novo e que carece de amadurecimento tanto quantitativo, no sentido da coleta de dados, quanto bibliográfico. Desta forma pretende-se utilizar tal pesquisa como mecanismo de iniciação à temática, servindo como base argumentativa para a sua continuação constitutiva, que será trabalhada em futuros artigos e quiçá em programas de pós-graduação.

REFERÊNCIAS

ARBEX JUNIOR, José. **O Jornalismo Canalha: A promíscua relação entre a mídia e o poder** / José Arbex Jr.. – São Paulo: Editora Casa Amarela, 2003

ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação**; epistemologia e didática. Piracicaba: Unimep, 1996.

_____. Hugo. **Reencantar a educação**: rumo a sociedade aprendente. 7. ed. Petrópolis. RS: Vozes, 2007.

BARROS FILHO, Clóvis de. Mundos possíveis e mundos agendados: um estudo do uso da mídia na sala de aula. In: BARZOTTO, Valdir Heitor; GHILARDI, Maria Inês. **Mídia, Educação e Leitura**. São Paulo: Anhembi Morumbi: Associação de Leitura do Brasil, 1999. p. 9-37

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Consulta Pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2015

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. Anais [...] I Seminário Nacional: Currículo em movimento– Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, p. 1-13, 2010

FIMON, Dragan Milinkovic. O ensino no mundo midiático: construindo uma caixa de ferramentas. **LÍBERO**, n. 31, p. 17-26, 2016.

GIROTTO, Eduardo Donizeti. Dos PCNs a BNCC: o ensino de Geografia sob o domínio neoliberal. **Geo Uerj**, n. 30, p. 419-439, 2017.

_____, E. D. (2018). Entre o abstracionismo pedagógico e os territórios de luta: a base nacional comum curricular e a defesa da escola pública. **Horizontes**, 36(1), 16-30. 2018

GOODSON, I F. **As Políticas de Currículo e de Escolarização**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

HAESBAERT, Rogério. Des-controle dos territórios–e das fronteiras–num mundo globalizado. **Geografia em Questão**, v. 2, n. 1, 2009.

_____, Rogério. **Viver no Limite: Território e Multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção** / Rogério Haesbaert. – 1. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014

HEIMERDINGER, Camila; SCHLOSSER, Marli Terezinha Szumilo. REFLEXÕES E CONCEPÇÕES SOBRE AS MÍDIAS: A POSSIBILIDADE DE ANÁLISE DOS DISCURSOS EM SALA DE AULA. **Revista Tamoios**, v. 13, n. 2, 2017.

LADEIRA, Francisco Fernandes; LEÃO, V. de P. **A influência dos discursos geopolíticos da mídia no ensino de Geografia: práticas pedagógicas e imaginários discentes**. Curitiba: CRV, 2018.

MOREIRA, Julia Cristina Granetto et al. O USO DE TECNOLOGIAS PELOS PROFESSORES NA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE FOZ DO IGUAÇU. **Ágora@-Revista Acadêmica de Formação de Professores**, v. 4, n. 7, 2021.

MOREIRA, Ruy. **O discurso do avesso: para a crítica da geografia que se ensina**. Dois Pontos, 1987.

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Introdução. Ensino Fundamental. Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. Cortez, 2007.

RAFFESTIN, Claude; SANTANA, Octavio Martín González. **Por una geografía del poder**. Michoacán: El Colegio de Michoacán, 2013.

ROCHA, Alexandre Carvalho et al. **Relatório Parcial de Estágio** - Disciplina de Estágio Supervisionado I. 2019

_____, Alexandre Carvalho et al. **Relatório Parcial de Estágio** - Disciplina de Estágio Supervisionado II. 2019

_____, Alexandre Carvalho et al. **Relatório Parcial de Estágio** - Disciplina de Estágio Supervisionado III. 2021

_____, Alexandre Carvalho et al. **Relatório Final de Estágio** - Disciplina de Estágio Supervisionado IV. 2021

SANTOS, Milton, **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos -4. Ed. 3. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

_____, Milton, **Pensando o Espaço do Homem** / Milton Santos. – 5. Ed., 3. Reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012

_____, Milton, **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico científico-informacional** / Milton Santos. – 5. Ed. 1. Reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013

_____, Milton, **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal** / Milton Santos. 23° ed. – Rio de Janeiro: Record, 2013

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia histórico-crítica e a educação escolar**. Pensando a educação. São Paulo: EDUNESP, p. 23-33, 1989.

_____, Dermeval. Educação escolar, currículo e sociedade: o problema da Base Nacional Comum Curricular. Movimento-revista de educação, n. 4, 2016.

SOUZA, Jessé. A Elite do Atraso: Da Escravidão a Bolsonaro / Jessé de Souza. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019

TONET, Elaine Regina Costa; MELO, Aécio Rodrigues. **A globalização e a influência da mídia na sociedade**. PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, 2014.

PELOSO, Ranulfo. **Trabalho de Base**: Seleção de roteiros organizados pelo cepis / Ranulfo Peloso (org.). –1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2012

PEREIRA, Marcelo Garrido. **Conhecer e aprender o espaço**: considerações prévias a um processo de intervenção pedagógica. Temas da Geografia na escola básica. Campinas, SP, 2013.